



ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS

ENSAIOS APB

*Atuação da Biblioteca
Infanto-Juvenil*

Maria Christina de M. Tavares

Ensaio APB, n.3

APB - ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS - APB

***IV Jornada Paulista de Biblioteconomia e Documentação
De 17 a 19 de setembro de 1993***

***Atuação da Biblioteca
Infanto-Juvenil***

Maria Christina de M. Tavares

Ensaio APB, n.3

APB - Associação Paulista de Bibliotecários - APB

Atuação da Biblioteca Infanto-Juvenil

Maria Christina de Moraes Tavares

Ensaio APB, 3

São Paulo
1994

ENSAIOS APB

MELO, José Marques de. Comunicação de Massa x Leitura.
(Ensaio APB, 1)

MOSTAFA, Solange Puntel Mostafa. Balcão de Informações: o
mercado emergente. (Ensaio APB, 2)

Atuação da Biblioteca Infanto-Juvenil

Maria Christina de M. Tavares(*)

Bom dia a todos. Eu agradeço poder estar aqui com vocês. Eu gostaria de iniciar explicando que vou dividir esta fala em dois momentos: um mais genérico colocando a questão da biblioteca infanto-juvenil, e obviamente da biblioteca pública, do ponto de vista da atuação política; e um segundo momento enfocando o que o Departamento de Bibliotecas Infanto-Juvenis [de São Paulo] está desenvolvendo em termos de projetos, e então como se tenta juntar a questão da teoria com a prática.

Eu gostaria que vocês me permitissem ler um pequeno texto do livro, recentemente publicado, *Magistério Mediocridade*, de Ezequiel Theodoro da Silva -- eu inclusive aconselho a leitura àqueles bibliotecários que pretendem ser de fato agentes educativos.

A promoção da leitura está condicionada a fatores econômicos e políticos. Pois, com fome, povo desempregado, povo doente, sem saúde, povo sem salário digno, povo dependente de outros povos, povo manipulado, povo desapropriado de seus direitos [...] não possui condições concretas para produção da leitura. Quando os determinantes políticos e econômicos não agem a favor da leitura, simplesmente não existe leitura. O livro, ou qualquer outro material impresso, é passado para trás em função de outras prioridades que o

(*) Chefe do Departamento de Bibliotecas Infanto-Juvenis - Secretaria Municipal de Cultura de SP

indivíduo estabelece para sua sobrevivência. Será que é o desgosto pela leitura, será que é a ausência, a carência de livros, será que a leitura alienada e consumista não cumprem a função ideológica dentro das escolas brasileiras? E será que a leitura crítica dos muitos vícios, preconceitos e estereótipos contidos nas nossas estruturas políticas e econômicas não seria o primeiro passo para a transformação dessas estruturas? A leitura pode servir como um acréscimo à consciência política das pessoas. Daí não ser muito estranha e espantosa a cifra de 31 milhões de analfabetos nas terras brasileiras. Ao sistema que está aí não interessa que as pessoas leiam, mas apenas vejam os simulacros e, na medida do possível, os engulam goela abaixo sem muito gosto, esforço ou reflexão.

Eu acho que esse texto não é muito animador. E é claro que o ideal de nossas vidas ao trabalhar com leitura seria que o primeiro contato da criança com a leitura fosse dentro de casa, que o livro fosse oferecido para a criança enquanto brinquedo para que ela pudesse manusear, cheirar, lambe, riscar. O que se tem dito muito -- estive na Bienal do Livro do Rio de Janeiro há quinze dias --, é que o livro é muito caro. E uma coisa curiosa é que o livro, pelo menos o livro infantil, ainda é muito mais barato que qualquer brinquedo industrializado. Só que o brinquedo tem espaço na mídia, o livro não.

Na verdade, o que eu quero é refletir a questão da opção política que os profissionais da biblioteca e os funcionários da educação têm que fazer para que, de fato, as coisas possam ser alteradas. Eu gostaria de começar falando um pouco da formação desses profissionais: do professor, do educador e do bibliotecário.

É muito curioso como a formação desses profissionais tem muito em comum, por incrível que pareça. Na verdade, tanto um como o outro são formados -- ou enformados, como diria Paulo Freire --, no sentido da reprodução dos discursos. É tão claro isso: desde a escola primária até a universidade. A universidade, ainda hoje, está muito mais no sentido de reproduzir o discurso do que criar conhecimento de fato. É um círculo meio vicioso: o professor vai reproduzir para os seus alunos os mesmos discursos que fizeram parte da formação dele. E, nós bibliotecários, dentro das bibliotecas, provavelmente, também vamos reproduzir esses mesmos discursos.

O que eu quero dizer com isso é que a nossa formação evita falar do contexto social onde se vai atuar. Existe a questão do processo de contradição que ocorre dentro da biblioteca. Na verdade, ele ocorre dentro da escola até com muito mais força. [Luís] Milanesi tem falado muito a respeito disso: a biblioteca, mais especificamente a biblioteca pública, é um espaço democrático por natureza, exatamente porque as informações podem se contrapor. A escola, em contrapartida, tem uma outra questão: ela é amarrada a currículos, o que não acontece com as bibliotecas. Quer dizer, nós temos muito mais liberdade para trabalhar a informação. Não sei se é possível dizer que nós temos menos patrulhamento, mas eu acho até que temos menos patrulhamento, sim.

Nós não podemos esquecer que essa profissão está também baseada na questão das instituições que continuam reproduzindo o sistema social que nós conhecemos. Hoje, ninguém mais nega que a escola é um aparelho ideológico do Estado, que a biblioteca também é um aparelho ideológico do Estado, que a família é um aparelho ideológico do Estado, que os partidos políticos são

aparelhos ideológicos do Estado, que as igrejas também são... Quer dizer, toda instituição realmente cumpre uma função de preservação da estrutura sócio-política. E aí, nós nos perguntamos como se rompe isso, se é que é possível esse rompimento.

Eu tenho sido uma ferrenha crítica da biblioteca pública e do bibliotecário e, sim, também do professor, obviamente. Porque eu entendo que a biblioteca pública, até por falta de um sistema de bibliotecas escolares, foi assumindo o papel de bibliotecas escolares. Perderam aquele seu papel primeiro que deveriam estar cumprindo -- a questão da literatura ou da leitura e de outras atividades --, para virar uma coisa estranha -- a tal "pesquisa escolar", entre aspas. Isso porque não se tem um outro mecanismo, uma outra instituição na sociedade que possa estar acudindo essas crianças.

De fato, não é exatamente o que gostaríamos de fazer, mas vários trabalhos nos apontam que se hoje a biblioteca pública perdesse os seus famigerados estudantes famintos de saber, certamente uma grande parte das bibliotecas perderia 80% dos seus usuários. O que mais me assusta ainda é o usuário chegar na biblioteca e primeiro perguntar se tem xerox: se você deixa tirar, você fica com a consciência pesada; se você não deixa, ele passa o estilete no livro. E nos perguntamos se o professor vai ler aquilo que ele copiou. Quer dizer, ficamos no meio dessa contradição: entre aquilo que se acredita o que deveria ser e aquilo que de fato ocorre nas bibliotecas.

Eu tenho dito que a biblioteca pública -- e aí eu enquadro a infanto-juvenil --, embora numa tentativa de mudança do seu perfil de uns anos para cá, ainda continua sendo elitista e, não se assustem, porque isso é muito real, e

podemos provar isso em cima de coisas que nós conhecemos. Primeiro, a questão dos horários de funcionamento: as bibliotecas estão abertas na hora em que as pessoas estão trabalhando; a hora em que as pessoas poderiam ir, as bibliotecas estão fechadas. A questão dos acervos é outra coisa que é muito problemática, porque na verdade os acervos ainda privilegiam a cultura impressa. [...]

Hoje, nós temos 36 bibliotecas infanto-juvenis mais 30 bibliotecas públicas -- até parece muito; é o maior sistema do Brasil. Claro que não é nada para a população que a cidade de São Paulo tem -- sabemos disso. Em regiões como por exemplo Santo Amaro, Guaianases, Itaquera, que têm uma demanda de imigrantes muito grande, como é possível que as bibliotecas não tenham literatura de cordel? Começamos um trabalho há alguns anos atrás com vídeos informativos nas bibliotecas, exatamente levando em conta a questão não só do analfabeto, mas do analfabeto funcional: como essa pessoa tem acesso à informação se ela não lê?

Uma outra questão, que o Oswaldo [de Almeida Júnior] colocou, é que ninguém constrói biblioteca no ponto de ônibus ou, pelo menos, na via principal. Quer dizer, o acesso à biblioteca é um fator que impede a sua popularização. Se olharmos as bibliotecas infanto-juvenis, a grande maioria está localizada em buracos, buracos mesmo. É assim: a biblioteca no buraco sem nenhum tipo de acesso. Se alguém quiser chegar lá, precisa realmente tomar condução, descer não sei quanto a pé... Na verdade, elas não foram construídas levando em conta a questão do acesso.

A questão, por exemplo, da falta de trabalho -- existem poucos, mas não são sistematizados: o resgate da memória oral das comunidades onde as bibliotecas estão inseridas. Cada vez mais a cidade esmaga a sua população, o seu

homem. Esse coitado esqueceu tudo aquilo que ele trouxe enquanto bagagem cultural, porque a cidade não permite que ele se manifeste. É a questão da produção popular. Então, vejam: é uma somatória de coisas e tenho muita tranqüilidade em afirmar que a biblioteca ainda tem um caráter elitista.

Do ponto de vista do bibliotecário, a coisa mela [sic]: você junta uma instituição que tem essa configuração com um profissional ingênuo -- eu não estou dizendo que o bibliotecário é mau --, porque ele acredita naquele mito da neutralidade, que o Paulo Freire trabalha muito legal. O bibliotecário acha que a informação é neutra, logo, se ele é agente da informação, ele também é neutro. O que é uma grande mentira. Nós não somos neutros coisíssima nenhuma: toda vez que você opta por qualquer coisa, na verdade, você deixou de lado uma série de outras coisas. Então, não existe neutralidade, na verdade, existe ingenuidade de achar que se pode trabalhar com a questão da biblioteca, com a questão da informação de uma forma neutra.

Quando eu assumi o Departamento [de Bibliotecas Infanto-Juvenis], pessoas que são exímias profissionais ficaram um pouco espantadas quando eu disse que catalogar ou classificar era, antes de tudo, um ato político. Se optamos por um número de classificação para uma biblioteca infanto-juvenil com seis, sete, oito dígitos, certamente é porque não queremos que o usuário entenda isso, não queremos que as pessoas tenham acesso à informação. E se não queremos é porque certamente existe uma relação autoritária entre o bibliotecário e o usuário, que é muito parecida com a do professor com o aluno. A linguagem biblioteconômica permite que o usuário seja dependente do bibliotecário. Quer dizer, se não tiver a figura suprema e onipotente do bibliotecário para decodificar aquele monte de

informações que está nos catálogos... coitado! Criança, então, não vai chegar nunca!

Infelizmente, a nossa formação, eu dizia logo no começo, não está contextualizada e é profundamente técnico-burocrática. Embora eu ache que existe um esforço de alteração desse perfil, estudos sérios demonstram que ainda somos vistos como guardadores de livro, como aquela velhinha de óculos atrás da mesa fazendo psiu o tempo todo. Quer dizer, como burocratas, como guarda-livros: é a imagem que passamos para o nosso público e para a mídia. Fica a pergunta: como nós nos enxergamos? Eu só vejo uma alteração nisso tudo: se houver realmente uma opção política desses profissionais, tanto os da escola como os da biblioteca. Acho que deve estar muito claro em nossas cabeças a favor do que ou de quem trabalhamos. Se não ficar definido para o que, a quem e porque servimos, realmente tudo o mais passa a ser inútil.

Eu quero contar uma experiência: o antigo Corpo de Voluntários da Prefeitura junto com a Pastoral do Menor resolveram tomar uma atitude em relação às crianças da Praça da Sé: conseguiram dois andares imensos debaixo do Viaduto Dona Paulina para servir de albergue para as crianças dormir. Existem hoje aproximadamente 250 crianças de rua na Praça da Sé, das quais 70 em média dormem nesse espaço. Há colchões, banheiros, chuveiros elétricos, tanques, uma pequena copa e, uma coisa muito interessante, as regras da casa foram ditadas pelas crianças. A Prefeitura mantém um lanche e ali eu encontrei educadores de rua, voluntários, uma médica.

Havia uma educadora com um livro de contos de fada sentada no chão, com umas vinte crianças em volta dela, cuja idade ia dos sete aos dezesseis

anos. Elas precisam de afeto e o livro faz parte de um sonho. Tivemos que tomar uma decisão, e eu não pude evitar, porque estamos integrando um projeto para trabalhar com essas crianças. Não estamos preparados porque, na verdade, a nossa experiência tem sido com a criança institucionalizada, com disciplina, com uma série de controles que a criança de rua não tem. Não só o Departamento de Bibliotecas Infanto-Juvenis, mas eu enquanto cidadã, realmente me sinto empurrada a tentar, a fazer uma coisa mais concreta, mais sistemática.

Eu acredito que essa opção política do profissional atuando dentro da biblioteca ou dentro da escola, e que provoca certamente a questão da diversidade, a questão da discordância, da contra-informação, da democracia, na verdade, é a única saída que temos para que possamos alterar essas instituições.

Agora, num segundo momento, falo de alguns projetos do Departamento. Uma coisa que é importante colocar é que estamos vivendo uma situação, pelo menos na Secretaria Municipal de Cultura, que eu considero muito privilegiada porque tivemos carta branca em relação aos projetos implantados na administração anterior. O que significa dizer que nós continuamos com o projeto Mediadores de Leitura (que fazia parte da administração anterior), e com o projeto Contadores de História, agora com investimento na questão da formação desses contadores. Certamente eles serão fundamentais para o projeto com as crianças de rua.

Temos um projeto que vem se repetindo, este é o quarto ano, na Biblioteca Monteiro Lobato, que agora foi incorporado ao calendário oficial do Departamento: o Caracol de Ilustração. Contratamos ilustradores, fazemos uma montagem de tubos de PVC recoberta com voal branco transparente, com os

originais desses ilustradores expostos. Os ilustradores dão oficina para as crianças. Junto, fazemos a exposição dos livros.

Resgatamos este ano um projeto da década de 1980: o Escritor na Biblioteca. No primeiro semestre, o Departamento conseguiu contratar os escritores para falar com as crianças, mas no meio do ano o dinheiro acabou. A Secretaria Municipal de Cultura tem o menor orçamento até hoje, isso é histórico, e o Departamento de Bibliotecas Infante-Juvenis, embora seja o maior departamento em número de equipamentos, é o menor orçamento da Secretaria. A nossa briga nesse orçamento é política. Então, na falta de dinheiro, as editoras estão bancando no segundo semestre a ida dos escritores às bibliotecas.

Estamos com o projeto Vida, com os meninos da Sé, que está engatinhando. Temos os projetos de integração da terceira idade com a infância, que nos parecem essenciais. É bom frisar que os primeiros projetos iniciados na administração anterior estão se multiplicando. O projeto Ônibus-Biblioteca felizmente está na rua atendendo mais de mil pessoas por dia. A Gibiteca, que foi inaugurada na administração passada, está também a mil por hora, experiência fantástica.

Vamos implantar no dia 5 de dezembro o Bosque da Leitura: uma biblioteca no Parque do Ibirapuera, dentro do projeto do Banco Real e da Fundação Roberto Marinho, "Mais Ibirapuera para Você". Teremos uma biblioteca funcionando no Parque aos domingos, dos departamentos de Bibliotecas Infante-Juvenis e de Bibliotecas Públicas.

Além disso, temos um projeto em gestação junto com a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, em cima do trabalho do Edmir [Perrotti], que está orientando um projeto que se chama Arquivo Cultural para Crianças e, no máximo no começo do ano, algumas bibliotecas estarão trabalhando com esse projeto.

Temos a nossa produção: a *Bibliografia Brasileira de Literatura Infanto-Juvenil*, da qual resgatamos 1987, 1988 1989, 1990 e 1991. E algumas bibliografias temáticas, como a imagem do indígena na literatura infanto-juvenil. Essas bibliografias são críticas; mantemos três analistas de literatura, que lêem tudo o que se produz, comentam e criticam. Esse mesmo grupo é exatamente a equipe de seleção para as bibliotecas.

Eu gostaria de encerrar lendo alguns trechos de pessoas que falam dessas coisas com muito mais autoridade. Quero deixar claro que eu não tenho tantas respostas. Na verdade, eu tenho muitas dúvidas. Eu também quero fazer um comentário sobre a Biblioteca Infanto-Juvenil de Itaquera. Ela está dentro de um conjunto habitacional, é a menor biblioteca em termos físicos, mas é a maior em nível de demanda hoje na área de empréstimo. Talvez, seja hoje um dos trabalhos mais importantes que temos, um dos melhores trabalhos localizados que as bibliotecas estão desenvolvendo. O que eu quero deixar para uma reflexão mais para frente é o seguinte: um pequeno texto de Paulo Freire, que diz:

Quanto mais me capacito como profissional; quanto mais sistematizo minhas experiências; quanto mais me utilizo do patrimônio cultural que é patrimônio de todos, mais aumenta a minha responsabilidade com os homens. Não posso, por isso mesmo,

burocratizar meu compromisso de profissional servindo numa inversão dolosa de valores, mais aos meios do que ao fim do homem. Não posso me deixar seduzir pelas tentações míticas, entre elas a da minha escravidão às técnicas que, sendo elaboradas pelos homens, são suas escravas e não suas senhoras.

A informação tem que ser [vista] por professores e bibliotecários como instrumento de transformação. Por esse fato, é que a biblioteca é o espaço ideal para a recepção, que propicia a transformação do leitor consumista do livro-objeto em leitor crítico capaz de reinventar a realidade. Outro texto é de José Marques de Melo, que diz o seguinte: "Democratizar a cultura, sobretudo, é tarefa de forjar cidadãos críticos, conscientes da sua força coletiva no processo de transformação social".

O último texto é de Moacir Gadotti, que diz: "Para exercermos essa profissão com dignidade, nas condições que são hoje as nossas, além da competência necessitamos certamente de muito otimismo. O otimismo de quem acredita nas possibilidades de mudança. [...] criticamente tendo esperança, não temos nada a temer. Mesmo quando temos que ser violentos, porque essa violência contra a injustiça está carregada de amor e de carinho". Muito obrigada.